

povo, essencial em qualquer processo político, adotando um caráter elitista nas suas ações, sempre visando conscientizar as massas dominadas; não perceberam a conspiração que marchava, em todo o Brasil, mostrando-se perplexas quando ocorreram as ações armadas de 31 de março de 1964; não compreenderam ainda que tinham sido usadas, em 1958, pela UDN contra o PSD e, em 1962, pelo PSD contra a UDN.

Acreditamos, portanto, que a Frente do Recife, englobando principalmente as esquerdas se constituiria, sempre, uma força eleitoral na capital — historicamente oposicionista, porém uma força complementar — em cada eleição trazida a reboque pelas oligarquias açucareiras ou algodoeira-pecuarista, que dela se utilizavam para vencer os pleitos eleitorais.

Como se vê, o livro de José Arlindo Soares é positivo — descontados os pontos de divergências acima apontados — na medida em que proporciona um estudo sobre os acontecimentos políticos pernambucanos, no período, e um debate sobre suas análises e conseqüências.

Eliane Moury Fernandes

Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco

STOETZEL, Jean. *Les valeurs du temps présent: une enquête européenne*. Préf. par les professeurs R. A. de Moor et J. Kerkhofs. Paris, Presses Universitaires de France 1983. 309 p. (Sociologies, collection dirigée par Raymond Boudon et François Bourricaud) ISBN 2-13-038086-7

Para escrever a obra supra-referenciada o autor — membro do Instituto de França e professor emérito da Universidade René-Descartes ou Paris-V teve à sua disposição o resultado de um amplo inquérito promovido em 1981 pelo Grupo de Estudo dos Sistemas de Valores Europeus, fundação holandesa criada por uma indústria multinacional com sede em Amsterdam. 12.463 pessoas de 9 países da Europa Ocidental — Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grã-Bretanha, Holanda, Irlanda, Itália e República Federal da Alemanha — receberam o questionário contendo mais de 300 perguntas tanto sobre moral, política, religião, família e trabalho como em relação à situação pessoal, cultural e social de cada inquirido. Os doze e meio milhões de dados recolhidos foram codificados em fichas mecanográficas ou em fitas magnéticas e enviados a Londres, para o processamento eletrônico a cargo do Gallup Poll. Para se ter idéia da magnitude do trabalho confiado ao conhecido centro inglês de informática basta dizer que os dados obtidos para o conjunto da Europa Ocidental constituem em volume de 1.225 páginas e os relativos a cada país ocupam 11.000 páginas.

Qual o objetivo de tão abrangente inquérito? Primeiro, o de analisar e descrever os sistemas de valores morais e sociais, vigentes na Europa; segundo, o de construir um modelo para estudos posteriores, com vistas ao acompanhamento no tempo das mudanças ocorridas nesses sistemas de valores; e terceiro, o de colocar estas informações à disposição dos responsáveis pelas políticas educativas, sociais, coletivas e pastorais.

Segundo me informa o eminente Abade do Mosteiro de São Bento de Olanda, Dom Basílio Penido — a quem devo o conhecimento desta obra — o livro do Professor Jean Stoetzel será discutido num simpósio internacional a realizar-se em Amsterdam, em agosto de 1984, sob os auspícios da fundação holandesa citada no início desta recensão. E Dom Basílio Penido é um dos participantes desse simpósio, como comentador do capítulo sobre religião.

O grande desafio ao professor Jean Stoetzel era o de escrever um texto que não se deixasse avassalar pelo grande número de dados colocados à sua disposição. E ele o venceu galhardamente. A análise minuciosa não prejudicou a síntese interpretativa. E as muitas tabelas do livro não sobrecarregam suas páginas, que são do melhor ensaísmo sociológico e filosófico. Destaco as dedicadas ao caráter nacional, no capítulo 10, significativamente intitulado "Nove países, uma Europa" (páginas 257 e seguintes). Aliás, o modelo declarado do inquérito em que se baseia a obra supra-referenciada é o *Étude du caractère national japonais*, publicação quinzenal iniciada em 1953.

O Professor Stoetzel recorda ter sido Estrabão um remoto precursor da psicologia dos povos, com sua análise do caráter da "raça gálica ou galática". Depois do geógrafo grego a matéria só voltaria a ser tratada no século XVIII, e desta vez por um filósofo da categoria de Kant, cujas páginas de psicologia étnica — *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* (1764) e *Antropologia do ponto de vista pragmático* (1798) — são consideradas ainda válidas por antropólogos como Alfred Kroeber. São páginas magistrais, as que o Professor Stoetzel dedicou à comparação das observações de Kant com o resultado do inquérito que interpreta e comenta em sua obra. Porque é evidente que o caráter nacional repercute no domínio dos valores, sejam eles artísticos, científicos, religiosos, políticos, psicológicos, sexuais ou culinários.

O inquérito revelou aspectos interessantíssimos dos valores Liberdade e Igualdade. Em política, por exemplo, os que proclamam a proeminência da igualdade sobre a liberdade são da Esquerda e os liberais pertencem à Direita. Em religião, os católicos são menos favoráveis à liberdade que os protestantes, lutando muito mais que estes em favor da igualdade. Ainda em matéria de religião é curioso constatar certas mudanças em relação a países tradicionalmente católicos como a Bélgica e a França, esta cognominada uma vez de "filha dileta da Igreja". Pois dentre os nove países abrangidos pelo inquérito, o maior número de católicos pertence à Irlanda e à Itália, sendo os protestantes a maioria na Dinamarca e na Grã-Bretanha; na República Federal da Alemanha existe um equilíbrio entre as duas religiões, enquanto a Bélgica, a França e a Holanda aparecem como nações laicizadas.

Sem espaço para comentar toda a obra do Professor Jean Stoetzel, destaco, em conclusão, que no abrangente inquérito do qual ela é o produto bibliográfico — como que confirmando a frase de Mallarmé "tout, au monde, existe pour aboutir à un livre" — figurava uma lista de 17 qualidades, devendo cada pessoa escolhida indicar a mais importante. A honestidade apareceu muito acima das demais virtudes, o que muito recomenda, do ponto de vista ético, a Europa Ocidental. Pois como assinala o Professor Stoetzel, "a honestidade é uma virtude ao mesmo tempo moral e social". Kant — continua ele — poderia apresentar a honestidade como exemplo do imperativo categórico, pois "o máximo da ação do homem honesto pode ser erigido em lei universal" (p. 28).

Edson Nery da Fonseca

Universidade de Brasília/Fundação Joaquim Nabuco